



Voz da Fátima

Director:
PADRE LUCIANO GUERRA
Ano 67 — N.º 801 — 13 de Junho de 1989

Redacção e Administração
SANTUÁRIO DE FÁTIMA — 2496 FÁTIMA CODEX
Telef. 049/52122 — Telex 42971 SANFAT P

ASSINATURAS INDIVIDUAIS
Portugal e Espanha 200500
Estrangeiro (via aérea) 350500



PORTE PAGO

Propriedade: FÁBRICA DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA — PUBLICAÇÃO MENSAL — AVENÇA — Depósito Legal n.º 1673/

Seiscentas mil vezes mais

Como isto de números acaba muitas vezes em baralhar a cabeça e a língua das pessoas (alguns políticos sabem-no muito bem), vamos fazer o possível por explicar com simplicidade a razão do nosso título. Começemos por saber que o sub-tema para as peregrinações ao Santuário de Fátima durante o mês de Junho foi tirado de uma conhecida passagem do Evangelho de S. Mateus, no cap. 18, vers. 21-22: «Senhor, se o meu irmão me ofender, quantas vezes deverei perdoar-lhe? Até sete vezes? Jesus respondeu: 'Não te digo sete vezes, mas setenta vezes sete'». Setenta vezes sete são quatrocentas e noventa vezes: dá quase vontade de brincar com uma resposta destas; ou dá vontade de pensar que Jesus é que respondeu a brincar. Será que tomou a pergunta de Pedro como uma brincadeira?

Nem uma coisa nem outra, mas talvez se tenha simplesmente tratado de dizer por palavras um dos grandes mistérios que Jesus nos quis ensinar, um mistério muito sério pelo qual acabou por entregar a Sua vida: o mistério do perdão. Algumas vezes o Senhor exprimiu os mistérios por parábolas, outras por ditos enigmáticos e outras ainda por afirmações de aparência contraditória, a que os gramáticos chamam paradoxos. Desta vez Jesus preferiu falar em números, ao jeito de Pedro que assim também se exprimiu. Simplesmente, como o que estava em causa era um mistério, os números tinham de ser misteriosos. Não parece de facto misterioso que se tenha de perdoar quatrocentas e noventa vezes, qualquer coisa como sete vezes por ano, durante setenta anos? Se nós estamos a ver que tanta gente se zanga uma vez na vida e nunca mais se fala, ou nunca mais deixa de andar em guerra, terá Jesus Cristo querido dizer mesmo qualquer coisa com um número tão exagerado?

Com certeza quis Jesus Cristo dizer qualquer coisa: Ele quis mesmo responder à pergunta matemática de Pedro; tanto assim que continuou logo, com uma parábola também de números, e números fantasmagóricos. Lembra-se talvez os leitores: era um homem que devia ao seu soberano uma soma de 10 mil talentos, qualquer coisa como sessenta mil contos na nossa moeda; e era um outro homem que devia a esse primeiro devedor a miserável quantia de cem denários, que seriam uns cem escudos em moeda portuguesa. Ora acontece que ao primeiro o soberano teve coração para perdoar toda a dívida, enquanto que o segundo devedor foi parar à cadeia, porque os cem escudos lhe não foram perdoados... Ou seja, para nos mantermos na linguagem absurda dos números: um homem a quem foram perdoados sessenta mil contos não teve coração para, logo a seguir, perdoar uma dívida de cem escudos, seiscentas mil vezes mais pequena.

Se não fosse muito complicado, pediria aos leitores que pegassem agora no cap. 18 de S. Mateus e fossem ler desde o versículo 15 ao 18. Começa assim: «Se o teu irmão pecar, vai ter com ele e repreende-o a sós». O conselho vale, já para a primeira vez que o irmão pecar; e os passos que se indicam a seguir são de tal modo pensados, que a reconciliação nos aparece como atitude fundamental no comportamento social do discípulo de Cristo. A conclusão poderia estar numa interrogação, já não com números, mas sempre com mistério: Quem pode perdoar assim senão aquele que vive a todo o momento a gratidão e a alegria de ser perdoado por Deus? Ou seja: onde pode estar razão suficiente para o perdão senão em Deus que nos perdoa? E quem não entender estas perguntas, comece por obedecer ao Espírito que diz: «Reconciliai-vos com Deus». (2 Cor. 5, 20).

P. LUCIANO GUERRA

Um agradecimento

O Secretariado de Informações do Santuário (S. I. S) agradece aos CTT/Sector de Telecomunicações e à ISI (Implementação de Sistemas Informáticos de Santarém) pela cedência, respectivamente, de três terminais de telex e um telefax, por aquelas empresas instalados no Santuário para reforçar o apoio aos profissionais da comunicação social que se deslocaram a Fátima para o acompanhamento das celebrações da peregrinação de 12 e 13 de Maio.

Fátima virá a ser um caos urbano?

Quem andou pelas ruas de Fátima nos passados dias 12 e 13 de Maio teria razões para responder afirmativamente a esta pergunta. Já pelas cinco da tarde do dia 12, era difícil a deslocação de veículos dentro da vila. Boa parte dos passeios estavam ocupados com carros; nos poucos parques do Santuário, única entidade que deles dispõe, multiplicavam-se as tendas e as «roulotes», já a partir de alguns dias antes, ocupando espaços previstos para veículos; as bermas da avenida D. José Alves Correia da Silva ficaram completamente cheias em poucas horas. Compreende-se que, numa situação destas, o trânsito de peões se processa com mil dificuldades, contínuos cuidados dos peões e, de quando em quando, algum acidente mais ou menos grave, se não mesmo fatal.

Claro que dias como o passa-

do dia 13 de Maio têm um certo ar de excepção, enquanto se não verificam mais do que umas duas ou três vezes por ano. Mas se admitirmos que, com a auto-estrada, alguns fins de semana se vão assemelhar aos grandes dias, e que a tendência para o aumento de tendas e outros meios precários de alojamento também é para o aumento, e ainda que as pessoas se vão tornando mais exigentes em tranquilidade, abandonando os lugares ruidosos, sobretudo quando vocacionados para o silêncio, é caso para se esperar muito da revisão do plano de urbanização de Fátima, já em curso. No final do século, o caos que hoje se verifica nas maiores peregrinações fora do Santuário, e mesmo à sua beira, poderá não ser suportável. Fátima ou se decidirá pela sua vocação original de lugar de peregrinação, fugin-

do à tentação do «salve-se quem puder», ou poderá sofrer um revés muito grande, que nem os esforços pastorais do Santuário poderão evitar.

Em 1990 o dia 13 de Maio cairá a um domingo. As autoridades responsáveis pelo trânsito fariam bem em começar já a estudar como vão proceder. Da última vez que tal coincidência aconteceu, entre inúmeros protestos da imprensa pela desgraça que acontecera, recebeu o Santuário uma carta da América, de um sacerdote português, queixando-se de ter passado, na tarde do dia 13 e na avenida João XXIII, bloqueado no seu carro, nada menos que sete horas! Oxalá seja ainda tempo para que se conjuguem os esforços e as competências que façam entrar a vila de Fátima, definitivamente, no seu rumo de «Cidade da Paz».

12 e 13 de Maio em Fátima

A peregrinação internacional de 12 e 13 de Maio ao Santuário de Fátima foi marcada por diversos acontecimentos, entre os quais o anúncio da assinatura dos decretos de heroicidade de virtudes de Francisco e Jacinta Marto o que, aliás, mereceu maior destaque.

Entretanto, na tarde do dia 12, a abertura da exposição comemorativa dos 25 anos do calvário húngaro, na galeria de exposições do Posto de Turismo de Fátima, foi outro dos grandes acontecimentos desta peregrinação.

Presentes na inauguração desta exposição estiveram, além do Bispo de Leiria-Fátima, D. Alberto Côsme do Amaral, e do P. Luís Kondor, o embaixador da Hungria em Lisboa, Dr. Sandor Argyelan, e dois bispos húngaros, Mons. Danko e Mons. Kada.

Na ocasião, o Bispo de Leiria-Fátima disse algumas palavras, referindo-se à figura e obra do rei S. Estevão da Hungria, que foi um grande devoto de Nossa Senhora.

O embaixador da Hungria conferiu ao P. Kondor e ao último embaixador daquele país em Portugal, antes da segunda guerra mundial, as insígnias da União Mundial dos Húngaros.

Um dos outros grandes acontecimentos da peregrinação teve lugar no dia 13 com a inauguração da estátua de Santa Beatriz da Silva, uma portuguesa do século XV, que fundou a Ordem da Imaculada Conceição.

A cerimónia realizou-se quase no final das celebrações do dia 13, e foi presidida pelo Arcebispo de Évora, D. Maurílio de Gouveia.

Santa Beatriz da Silva, natural de Campo Maior, foi canonizada pelo Papa Paulo VI em 1976. A Ordem que fundou tem actualmente 157 mosteiros, dos quais apenas dois em Portugal. Trata-se de uma ordem religiosa de «rigorosa clausura», motivo pelo qual nenhuma das suas religiosas estiveram presentes nesta homenagem à sua fundadora.

Já depois do final das celebrações, teve lugar a inauguração da Santa Casa João Paulo II, o centro de acolhimento a deficientes profundos construído pela União das Misericórdias Portuguesas junto à sede da Freguesia de Fátima.

Na inauguração deste centro esteve presente o Primeiro-Ministro, Prof. Aníbal Cavaco Silva, que presidiu à sessão solene, tendo salientado, na ocasião, que «não cabe apenas ao Estado desempenhar a solidariedade».

A estadia em Fátima do Grão-Mestre da Ordem de Malta, Frei Andrew Bertie, bem como do Prof. Cavaco Silva, dos ministros do Emprego, Silva Peneda, e da Administração Interna, Silveira Godinho, e do Secretário de Estado da Segurança Social, Arlindo Carvalho, foram alguns dos factos que chamaram, também, a atenção sobretudo dos cerca de cem profissionais das comunicações sociais que se deslocaram a Fátima para o acompanhamento das celebrações.

PERESTROIKA DA ACTIVIDADE ATEÍSTA

Um amigo chamou-nos a atenção para um importante artigo publicado na revista francesa *La Documentation Catholique*, em 16 de Abril passado. O artigo foi publicado originalmente na Revista russa que tem por título *Ciência e Religião*, no número de Janeiro deste ano e, o que não é menos importante, tem por autor o senhor V. GARADIA, que é o director do *Instituto de Ateísmo Científico*, cuja sede deve ser em Moscovo. A revista, que é mensal, tem a tiragem de 530.000 exemplares por número! Não sendo muito longo para uma revista científica, o artigo em causa

daria para umas três páginas do nosso jornal, razão que, juntamente com outras de maior força, com a dificuldade da sua compreensão, nos impediria de o transcrever na íntegra. Dada, porém, a categoria do autor e da revista, e dadas as relações entre a mensagem de Fátima e a Rússia, pareceu-nos que seria elucidativa para os nossos leitores a transcrição, com ou sem comentário, de algumas das suas afirmações.

Começemos então por transcrever o último parágrafo, por nele se incluir (e precisamente no fim) a expressão que empre-

gamos como título deste artigo:

«É preciso considerar a minha exposição como um convite ao debate, à discussão, sem os quais não evitaremos precipitação. Eu compararia a situação actual do ateísmo à de um navio assolado por uma vaga de fundo: a onda atinge o grau 9 e o navio é arremessado de um lado para o outro. Mas a equipagem não pode tomar, por si mesma, a decisão de qualquer medida de salvamento: é preciso que a ordem venha de cima. Ora é tempo de

• Continua na 2.ª página

Parece anedota, mas não deve ser. No Jornal de Domingo da RTP, em 20 de Maio passado, anunciou-se, com todo o ar de novidade, que os temas religiosos estavam invulgarmente presentes no festival de Cannes, que decorria por esses dias. E deu-se como exemplo um novo filme sobre S. Francisco de Assis. A realizadora explicou as razões que a levavam a esta nova tarefa, empregando uma série de adjectivos, todos a significarem que era todo um mundo diferente, mais espiritual e pacificante, que se lhe abria com este filme.

Daí a pouco, mais uma notícia a propósito: o actor que representa S. Francisco no filme resolvera oferecer parte dos seus honorários, que sobem a perto de quatrocentos mil contos, ao Exército Republicano da Irlanda, o célebre IRA que tem dado tanto que falar, e cujas actividades, apesar de aparentemente conduzidas para a libertação dos católicos no norte daquela ilha, já foram publicamente condenadas pelas autoridades da Igreja. O IRA é

acusado de muitos morticínios, através de todos os meios de guerrilha a que tem sido possível recorrer, e com o apoio de toda a espécie de organizações e países, incluindo a Líbia do Coronel Kadhafi.

Nós não gostaríamos de nos pronunciar sobre o IRA, mas tão somente chamar a atenção dos nossos leitores para o género de contradições a que nos está a conduzir todo o mundo do teatro e da arte, através da idolatria do dinheiro. Poderia S. Francisco de Assis, que descobriu a sua vocação de pobre e «pacifista» no meio do enjoo que lhe causaram as guerras e guerrilhas dos ricos cristãos do seu tempo, conceber que um actor viesse a receber quase meio milhão de contos por representar o seu papel num filme, e fosse depois entregar uma parte aos guerrilheiros do IRA?

Quem diria que os ricos poderiam ir assim tão longe na exploração dos pobres e que os violentos não hesitariam em pregar a paz dos filhos de Deus para arranjar armas e organizarem guerrilhas?

Friburgo e a Mensagem de Fátima

As conferências proferidas pelo Prof. Fischer, nos dias 23 e 24 de Fevereiro de 1931, em Friburgo, tiveram um êxito retumbante, pois foi a partir desta data que se criou nesta cidade um centro especial para a propagação da mensagem de Fátima.

Friedrich Halter, um dos fiéis mais fervorosos do apostolado de Fátima (Fátima-Apostolat) conta que Hugo Winkler, Josef Fank e Fritz Heck foram os grandes colaboradores do Prof. Fischer, tornando-se a alma do movimento do apostolado de Fátima, para o que andaram de terra em terra, durante anos, aos sábados e domingos, transmitindo a mensagem aos cidadãos de Friburgo. Entretanto, o Prof. Fischer mandou vir uma imagem de Nossa Senhora de Fátima para a igreja da paróquia de São Conrado em Friburgo.

Em Janeiro de 1935, teve início a primeira novena de Fátima; a 10 de Junho de 1951, já se comemorava a 200.ª novena, precedida por um tríduo especial.

Durante a 2.ª Guerra Mundial, fez-se sempre a novena, de Maio a Outubro, com a participação de muitos crentes. De referir a presença do Senhor D. Theodard do Brasil, natural de Baden, quando da 643.ª novena. Da sua homilia destacamos o seguinte enunciado: «ninguém pode imaginar as bênçãos que aqui, neste local, a Igreja e o povo alemão têm alcançado, através da realização da novena, desde há 54 anos».

'Bote von Fátima', N.º 4, 1989

MODERE O USO DE VELAS

O Santuário de Fátima está empenhado em levar os seus peregrinos a uma melhor compreensão dos sinais e objectos mais usados, de modo que eles sejam cada vez mais expressão de uma fé verdadeira e não de realidades estranhas ou contrárias à fé. Neste contexto, parece-nos de insistir num simples conselho de moderação, já que a moderação é uma modalidade da virtude da temperança e tem, como ela, uma importância cardeal, ou fundamental. Por várias razões, que tentaremos elencar numa próxima ocasião, tem vindo a aumentar consideravelmente o consumo de velas, e consequentemente alarga-se a dificuldade de as consumir de modo digno e conveniente, ou seja, adequado à função que a vela tem, quer na devoção individual quer nas

manifestações comunitárias. Um dos possíveis desvios situa-se no esquecimento de que toda a oferta feita a Deus ou a Nossa Senhora e aos Santos deve partir de um coração integrado na comunidade da Igreja, nas suas expressões de fé, e nas suas necessidades de caridade. A oferta, como a vela, deixa de ter um sentido cristão quando exprime qualquer ideia que se não coadune com Deus ou com a Igreja.

Porque nos parece conveniente prolongarmos estas notas por um tempo mais ou menos longo, a fim de tornar possível a reflexão da totalidade dos nossos leitores, ficamos hoje por aqui, com o pedido de que se aceite pensar na exortação do título: *Modere o uso de velas*.

A REITORIA DO SANTUÁRIO

À COMPREENSÃO DOS ASSINANTES INDIVIDUAIS

Um apelo não é uma queixa. Como regra, todos os assinantes pagam pontualmente a sua assinatura.

Mas as despesas de correio e administração levam-nos quase tudo...

Compreendendo isso, muitos dos assinantes já enviam mais que o estipulado, e vão ajudando a manter a administração equilibrada.

Mas hoje vinhamos pedir mais. Aqueles que puderem, paguem dois ou mais anos com antecedência. Pouparão a si próprios os aumentos futuros e a nós despesas de correio.

Muito gratos. A Administração.

(Continuação da 1.ª página)

sairmos desta situação de torpor, e de nos pormos resolutamente a caminho, rumo à perestroika da actividade ateísta.»

Pelo que sabemos já, e pelo uso que anteriormente se faz deste célebre termo, que está a entrar em todas as línguas do mundo comunista e ocidental (um pouco à maneira do «aggiornamento» de João XXIII) ele significa *reestruturação* e mesmo *reconstrução*. Trata-se portanto, na palavra de um dos maiores responsáveis pelas doutrinas ateias e ateístas da Rússia, do que há a fazer, para que entre também na actividade de difusão do ateísmo, esse histórico movimento a que Gorbachev, o seu fundador, chamou Perestroika. Se me fosse pedida uma síntese rápida, fá-la-ia nas seguintes asserções:

1 — «Observando o modo como é conduzido actualmente o trabalho ateísta, este apresenta-se não somente como ineficaz, mas carregado de sérias insuficiências de tipo moral, espiritual e político» (p. 399).

2 — Eliminando a religião dos estudos de Sociologia, «como se ela não existisse», acabou por «se criar um esquema simplista, que trata de modo superficial e abstracto de um problema tão complexo como o das relações entre «o socialismo e a religião»,

concluindo-se que o socialismo tem que eliminar a religião» (p. 400).

3 — «No fim dos anos 50, e no princípio dos anos 60, sob qualquer pretexto, e mesmo sem pretexto algum, foram fechadas igrejas, mesquitas, casas de oração; e associações religiosas viram-se privadas do registo» (Na Rússia todas as associações precisam de um registo civil para poderem existir). Entre 1950 e 1965 fecharam-se em média, por ano, 420 igrejas ortodoxas (de 1965 a 1974 fecharam-se 48 anualmente, e 22 de 1975 a 1987)» (p. 401). O leitor faça as contas por si.

4 — Enquanto que, segundo uma «mentalidade estereotipada» (tipo cassete) a religião é considerada como uma doença do organismo social, tal como o alcoolismo, a criminalidade, a droga e a corrupção (p. 400), diz uma verificação mais atenta que «os ministros da Igreja, tal como nós, ateístas, lutam contra esses mesmos males e o permissivismo nos costumes» (p. 403).

5 — «Desde os anos 20 que nos afastámos da concepção marxista, deixando-nos andar para trás, até às ideias de Feuerbach, e a uma visão essencialmente vulgar» (p. 403).

6 — Enquanto que há algumas décadas se vinha esperando

para o dia seguinte o «milagre» de ver acabar a religião, juntamente com outras consequências nefastas da propriedade privada dos meios de produção, como o próprio Estado, «somos forçados a tomar consciência de que a religião e a Igreja serão companheiros da nossa vida ainda por muito tempo» (p. 403). O Autor não ousa adivinhar quanto!

7 — «Na vida real, crentes e ateístas têm em comum tantas coisas, objectivos e tarefas, que a dispersão de forças é não somente absurda, mas prejudicial. A reconstrução da organização prática da actividade ateísta deve-se desenvolver precisamente unindo as forças de ateus e de crentes, consolidando a sociedade com o fim de resolver os problemas sociais, económicos, e políticos» (p. 404).

Terminamos com um convite aos leitores para que releiam estes sete pontos com atenção. Concluíram que, de facto, alguma mudança importante está a acontecer, mas que talvez não possa chamar-se anida simplesmente uma conversão. Daí que alguns ainda se interroguem sobre a sinceridade destes homens. Por mim diria que, mais do que a sinceridade das suas palavras, é a realidade das suas ideias que precisamos de conhecer.

P. LUCIANO GUERRA

Peregrinar a Fátima é trazer propósito de mudança

Nos dias 27 e 28 de Maio passaram pelo Santuário de Fátima 43 grupos de peregrinos.

De entre estes, o maior grupo veio da diocese de Portalegre e Castelo Branco, para participar nas celebrações da peregrinação anual desta diocese ao Santuário de Fátima.

D. Augusto César, bispo de Portalegre e Castelo Branco, presidiu à Eucaristia celebrada no recinto e proferiu a homilia, da qual transcrevemos alguns excertos.

«Vir a Fátima, em peregrinação, não é sinal suficiente de fé provada e feita testemunho? O esforço do caminho... o sol ou a chuva... a vigília de oração... olhe cada um para os os pastorinhos e ajeite a sua resposta. Se há fé verdadeira, há também conversão; e a conversão aperfeiçoa a vida, corrige o caminho, reconcilia o amor. Quer dizer: esta peregrinação é um acto, de certo importante, que se faz de cada vez e pode repetir-se; a fé é uma vida, sem paragens, que vale pela qualidade do ser e do agir. Quanto mais Deus está presente na vida, mais a vida apetece Deus. E, assim, a peregrinação a Fátima responde e valoriza aquela outra peregrinação de todos os dias, que vai do nascimento até à morte, e para além (...).

Então, vir a Fátima é muito mais do que cumprir uma promessa, do que fazer um pedido. É trazer propósitos de mudança ou de crescimento na fidelidade. É rezar com a vida os problemas que a vida tem. É dar acolhimento à mensagem de Nossa Senhora, tomando-a como advento do ano 2000. É, ainda, fazer-se apóstolo dessa mensagem, para que os homens se reconciliem com Deus e entre si.

E quando uma diocese é peregrina, e caminha com Maria ao encontro da Palavra, todo o Evangelho se torna projecto e

cada comunidade adquire nova consciência do seu dinamismo. Como é importante dar as mãos e alentar os quedos e distraídos com gestos de comunhão!

Jesus também se deslocava a Jerusalém como peregrino do Templo. E fazendo-se acompanhar dos discípulos, ia-os instruindo sobre o desprendimento, a ajuda mútua, a intimidade com Deus... Mostrava o caminho e mostrava-se caminho. Em última análise, é Jesus o caminho mais directo para o templo e para o Céu. Nisto se resume também a mensagem de Nossa Senhora. «Fazei tudo o que Ele vos disser», dizia Maria em Caná. «Não ofendam mais o meu Filho e terão paz», confiava Ela aos pastorinhos. A reconciliação com Deus passa por Jesus, através do arrependimento e da graça sacramental. E Fátima constitui um apelo forte, ouvido do Céu.

É com emoção que vemos cair o arame farpado de algumas fronteiras, facultando aos homens um encontro de irmãos. A «cortina de ferro» começa a rasgar as suas malhas e o mundo respira felicidade. Que bom é ser livre e libertar alguém! Afinal, no seio do ateísmo também há coração, pois, o grande apelo de Deus é o homem. E as viragens do tempo surgem daí, mesmo que o latejar da fé não se oiça.

E olhando, agora, para a Europa e para a mudança que nela se vai realizando, descobrimos a importância da voz do Papa, que vem insistindo nesta ideia: «A grande força da Europa é o homem crente, pois a sua história coincide com a história da sua fé». Simplesmente, observando os dissidentes que chegam dos países de Leste, podemos corar um pouco. Pois, eles estremecem com a nossa apatia cristã. Lá, vive-se a fé com risco; aqui, vai-se pisando o risco à custa da fé. Lá, experimenta-se o fervor das Catacumbas; aqui, o atractivo da moda, da permissividade, do moralismo legal. Mal vai a Igreja, quando os seus filhos sossegam a consciência com a lei, sem reparar se ela é justa ou injusta, moral ou imoral, por ou contra a vida (veja-se a esta luz o aborto, o divórcio, certas reivindicações...; e veja-se ainda a alternativa que se dá à fé, por causa do desporto, dos amigos que chegam, ou do jejum que não apetece (...)).

A confiança em Maria aproxima do Céu e enche de carinho o ambiente da jornada. Com Ela, a Igreja experimenta o alento dos primeiros tempos e os apelos crentes da história. Fátima é um dos maiores apelos de sempre voltados para a conversão pessoal e para o desagravo. Cada um volte-se para Deus e corrija a sua vida; volte-se para os irmãos e faça-se apóstolo.

A reconciliação do mundo passa pela reconciliação das pessoas; mas ninguém se sente reconciliado consigo e com os outros, sem dar o primeiro lugar a Deus».

UMA RELÍQUIA DA CAPELINHA DAS APARIÇÕES

No último número da «Voz da Fátima», referimo-nos à madeira do tecto do actual alpendre da Capelinha das Aparições. Divulgamos hoje mais um facto curioso relacionado também com a madeira da primitiva Capelinha.

O Rev. Cónego Dr. Aurélio Galamba de Oliveira, Presidente do Cabido da Sé Catedral de Leiria, pediu-nos para colaborar com ele na verificação do espólio deixado pelo seu irmão, Rev. Cónego Dr. José Galamba de Oliveira, falecido em 25 de Setembro de 1984, de quem foi herdeiro, na intenção, muito louvável, de salvaguardar o que pode ser útil para documentar futuramente a extraordinária actividade daquele ilustre sacerdote leiriense e também de oferecer, desde já, ao Santuário de Fátima e à Diocese de Leiria o que for de interesse para os respectivos arquivos. Tudo isto, na sequência de outras doações que o próprio Dr. José já tinha feito anteriormente e que oportunamente daremos a conhecer.

Pois bem, o primeiro objecto que o Rev. Dr. Aurélio encontrou e nos entregou imediatamente foi um embrulho que envolvia um pedaço de madeira meio carbonizado que continha no exterior esta inscrição manuscrita: «Esta tábuca queimada é uma parte dos alizares da porta da Capelinha das Aparições. P. Jacinto dos Reis». Por dentro, a lápis, outro apontamento: «Bocado de tábuca da primitiva capela de N. S. de Fátima queimada por ocasião do incêndio provocado por bombas criminosamente lá postas».

O Padre Jacinto dos Reis foi um erudito sacerdote, natural do Reguengo do Fetal, diocese de Leiria, falecido há anos, que escreveu, entre outros, um precioso

livro intitulado «Invocações de Nossa Senhora em Portugal de Aquém e além-Mar e seu Padroado». Nessa obra, publicada em 1967, diz o autor, na pág. 244, o seguinte que nos apraz transcrever, pela sua importância: «A imagem da capelinha (das aparições) não ardeu, quando do atentado à bomba na noite de 5 para 6 de Março de 1922 (foi pelas 3 horas da madrugada do dia 6), porque, cautelosamente, era levada à noite para a casa de tia Maria da Capelinha. Lembremos este atentado: Uns livres pensadores, dos tais que não dão aos outros liberdade de pensar, arrombaram a porta, fizeram buracos nos quatro cantos das paredes e colocaram uma bomba em cada um. Puseram outra, cá fora, no local onde estivera a azinheira e lançaram fogo aos rastilhos. Todas explodiram com grande fragor, mesmo (queria dizer, sem dúvida, menos) a última. A capelinha incendiou-se, o tecto caiu e as paredes abriam fendas. A porta também ardeu. Eu próprio, poucos dias depois, tirei um bocado queimado de um dos alizares e guardei-o como recordação até ao fim de Abril de 1961. Nesta data entreguei-o a um rev. sr. cónego de Leiria para levar para o Museu de Fátima. Até hoje, porém, não me consta que lá

tenha chegado. Tinha cerca de 30 cm.»

Não resta qualquer dúvida de que se trata do fragmento agora entregue ao Santuário de Fátima, pois, além do mais, o comprimento é muito aproximado: 36 cm!

Cumpriu-se assim, em 27 de Março passado, o desejo do Padre Jacinto dos Reis, de quem o Santuário recebeu também, há anos, um rico espólio documental mariano. Certissimamente a entrega de agora já teria sido feita ao Santuário de Fátima, há mais tempo, se a «desarrumação» do escritório do muito saudoso Dr. José Galamba não fosse aquela que todos conheciam! Fique claro, porém, que não era por causa dessa «desarrumação» que ele deixava de ter a sua espantosa e plurifacetada actividade sacerdotal, nomeadamente em relação à mensagem de Nossa Senhora em Fátima, de que foi um distinto investigador e um grande arauto até ao fim da sua vida.

Fazemos uma prece pela alma dos dois ilustres e beneméritos sacerdotes e manifestamos o nosso agradecimento muito sincero ao Rev. Cón. Dr. Aurélio Galamba de Oliveira, com votos de longa vida.

P. LUCIANO CRISTINO

Encontro prévio do Concurso para jovens artistas

Está agendado para os próximos dias 24 e 25 de Junho o «encontro prévio», previsto no regulamento do concurso para jovens artistas, que o Santuário de Fátima está a promover.

Este encontro terá como finalidade principal ajudar a esclarecer melhor os objectivos do concurso e proporcionar-lhes uma visita aos lugares a que as obras se destinam.

A hospedagem é oferecida pelo Santuário e pretende-se, também, dar aos jovens que venham a concorrer diversas pistas e temas que poderão vir a abordar.

Os interessados em participar neste «encontro prévio» deverão enviar a sua inscrição, com a maior brevidade possível, para: Secretariado do Concurso para Jovens Artistas — Santuário de Fátima — 2496 FÁTIMA CODEX.

Junto à inscrição deverá ser enviada uma fotocópia do bilhete de identidade, a indicação da modalidade em que o candidato tenciona concorrer, profissão, número de telefone e endereço postal completo.

A abertura dos trabalhos deste encontro está prevista para as 11.30 do dia 24 de Junho, com uma conferência pelo Reitor do Santuário sobre os acontecimentos e Mensagem de Fátima.

Para a tarde desse dia, está prevista uma visita a Aljustrel, Valinhos e Loca do Cabeço, uma conferência sobre possíveis temas bíblicos, pelo Prof. Dr. Joaquim de Oliveira Bragança, e outra sobre a arte religiosa, pela pintora Maria Emília Nadal. Seguir-se-á, depois, uma visita à casa de Nossa Senhora do Carmo, terminando os trabalhos deste primeiro dia do encontro com uma sessão de diapositivos sobre as obras de arte no Santuário de Fátima, orientada pela Dr.ª Maria Teresa Ferreira, directora do Museu Gulbenkian.

Na manhã do dia 25, realizar-se-á uma visita às instalações do Centro Pastoral Paulo VI e um colóquio sobre os objectivos do concurso.

O concurso para jovens artistas é uma iniciativa do Santuário de Fátima, com a finalidade de despertar o interesse dos jovens artistas pela arte de temática religiosa, com vista à realização duma exposição de artes plásticas para selecção e premiação de peças de reconhecida qualidade artística.

Os correios soviéticos emitiram selos com motivos religiosos e taxas a favor das vítimas do terramoto da Arménia

Não são muitas as emissões de selos de correio da União Soviética, com motivos religiosos.

Uma dessas emissões verificou-se em Dezembro de 1988 e teve por objectivo a recolha de donativos a favor das vítimas do trágico terramoto na região da Arménia, que causou muitos milhares de mortos. Os três selos de que se compõe a série

estão onerados com uma sobretaxa destinada às vítimas da tragédia.

Como motivos dos selos: uma moeda de ouro da época medieval, com taxa de 20 e sobretaxa de 10 kopeckis; a igreja de São Ripsime, taxa de 30 e sobretaxa de 15 kopeckis e no último selo da série, a Virgem e o Menino Jesus, a taxa de 50 e sobretaxa de 25

kopeckis para as vítimas do terramoto da Arménia. Este último selo, eminentemente mariano, é a reprodução de uma pintura conservada na catedral de Echmiadzin.

Há alguns anos, os correios da União Soviética emitiram selos marianos também, representando a Santíssima Virgem, de fragmentos de pinturas de Rafael e de Leonardo da

Vinci, existentes no Museu do ermitério de Leninegrado.

De assinalar o carácter humanitário e cristão da sobretaxa nos selos desta emissão que é acompanhada de uma vinheta, sem valor postal, com os dizeres: «Administração postal para o terramoto da Arménia».

FRANCISCO DE OLIVEIRA

Fátima dos pequeninos

N.º 109
Junho 1989



Querido Amiguinho:

Penso que terás lido com atenção a carta «Fátima dos Pequeninos» do mês de Maio, em que insistia para que vivéssemos com muito amor o momento presente — o agora —, palavra que repetimos em cada Ave-Maria. Pedimos à Virgem Santa que Ela reze por esse agora que vivemos... Esta reflexão a mim fez-me um bem imenso; e a ti não te disse nada?

Estamos no mês de Junho e penso que é necessário continuar a viver intensamente no «agora» o nosso amor a Deus e ao próximo, conforme as ocasiões que se apresentam. Há factos, porém, que nos impressionam pelo heroísmo do acontecimento.



Conta Madre Teresa de Calcutá, entrevistada na Arménia depois do grande tremor de terra:

«Andei entre as ruínas, rezei pelos vivos e pelos mortos. Quis visitar os feridos no hospital de Erevan. Estavam muito apertados, devido ao seu elevado número... Uma mãe com o seu filho ainda muito pequenino foram salvos (mãe e filho), ao cabo



de sete dias! A mãe tinha os dedos com golpes: um médico contou que cada dia ela fazia um golpe num dedo diferente e dava esse dedo a chupar ao filho para que ele se alimentasse com o seu sangue e assim não morresse.

Quando chegaram ao hospital a mãe estava quase sem sangue. A mãe está a morrer (não conseguiram salvá-la), mas o menino vive».

Isto é tão maravilhoso, tão impressionante, que não encontramos palavras para manifestar a nossa admiração diante de tanto heroísmo.

Querido amiguinho, o mês de Junho, mês do Coração de Jesus, convida-nos de modo especial à generosidade para com os outros: fazer pequenos sacrifícios (no agora, lembrar o mês de Maio), pela conversão dos pecadores. A generosidade deve estar em crescimento contínuo. Lembra-te do que faziam os Pastorinhos: cada vez mais e melhor. Sempre, porém, com o conselho das pessoas que nos orientam.

Adeus. Coragem!

Um abraço:

IRMÃ GINA

PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL

Maria chama-nos à conversão

D. Bernard Francis Law, arcebispo de Boston, presidiu à peregrinação de 12 e 13 de Maio ao Santuário de Fátima.

Durante a homilia que pronunciou na Eucaristia integrada nas celebrações finais da peregrinação, o cardeal Law chamou particularmente a atenção para a necessidade da conversão pessoal, correspondendo, assim, ao apelo de Maria nas bodas de Caná: 'Fazei tudo o que Ele vos disser'.

Depois de ter recordado os acontecimentos ocorridos na Cova da Iria, há setenta e dois anos, D. Francis Law recordou a memória do seu predecessor à frente da diocese de Boston, E. U. A., cardeal Humberto Medeiros: filho fiel e ilustre dos Açores e de Portugal, esteve à frente da Igreja de Boston, a qual serviu maravilhosamente, como homem de fé e oração profunda, em união com Cristo e em Seu nome'.

O cardeal-arcebispo de Boston entrou depois na temática central da sua homilia, expondo a necessidade da conversão como única forma de alcançar o verdadeiro caminho da paz.

Aqui publicamos as suas reflexões na homilia que proferiu perante os mais de trezentos mil peregrinos que estiveram em Fátima a participar nas celebrações de 13 de Maio.

Cristo Jesus deu-nos Maria como nossa Mãe, ao pé da cruz, quando Se voltou para João e disse: «eis a tua mãe». A mensagem de Maria aos seus filhos é um convite para todos voltarmos em espírito àquele momento em que Ela se tornou a nossa Mãe. Ela convida-nos a contemplar a cruz de Cristo. Ela convida-nos, aqui neste momento, confirmando o seu amor maternal, para que a vida de Jesus, Seu Filho Primogénito, seja renovada e fortalecida em cada um de nós.

As palavras de Maria nas Bodas de Caná são luz e guia na nossa jornada. Ela pediu: «fazei tudo o que Ele vos disser» (Jo, 2-5). Este é o primeiro apelo à conversão, um apelo para ouvirmos atentamente o Senhor.

Maria está absolutamente segura. Não há a menor dúvida na sua ordem e no seu pedido. É a Ele, Cristo, que devemos escutar. É Ele, Jesus, o Caminho, a Verdade e a Vida — e não há outro.

Estejamos prontos a fazer o que quer que seja que o Senhor nos ordenar.

Jesus começou a Sua missão com o apelo à conversão: «o tempo está cumprido. O Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho (Marc, 1-15)». Com efeito, nós estamos a viver num tempo muito especial. São os últimos anos antes do início do terceiro Milénio da Cristandade.

Tempos desta natureza fazem-nos pensar que muitas esperanças não-de surgir a fim de serem realizadas a longo prazo. Todavia, olhando à volta do mundo que nos rodeia, notamos o terror, a confusão e o sofrimento de inúmeros irmãos e irmãs nossos.

Quantos irmãos nossos, neste momento, estão a morrer à fome?

Quantas vezes, o medo e desconfiança levam os povos à guerra e à destruição? Ou a fechar os olhos e os ouvidos aos gritos dos que sofrem a agressão e a violência?

A quantos milhões e milhões de crianças é negado, por suas próprias mães, o direito de nascer? Quantos de nós, com as

nossas atitudes, encorajamos essas mesmas mães no desempenho da sua missão e no respeito pelo carácter sagrado da vida humana? Quantos de nós, com



o nosso testemunho e estilo de vida, contribuimos para a diminuição do divórcio, evitando maior pressão sobre a família, impedindo a decadência na educação moral, ambição desmedida dos bens materiais e a falta de visão e interesse pelo seu bem-estar e pelo bem-estar do seu semelhante? Quantos de nós nos empenhamos e interessamos a valer para diminuir toda a espécie de maldade e degradação que existe à nossa volta? Quantos de nós? Muito poucos. Talvez nenhum de nós.

Em face desta situação, como é importante fazer com que todos nós sigamos a recomendação de Maria: «fazei tudo o que Ele vos disser».

Este é o segredo que Ele nos revela. Os males do nosso mundo e da nossa sociedade nunca serão vencidos nem pelo dinheiro nem pelo poder. Não podem ser resolvidos nas salas de Lis-

boa, Moscovo ou Washington.

Os planos existentes, embora bons e necessários a nível nacional e internacional, não poderão nunca afastar a raiz do mal sobre a face da terra. Não há plano económico, organização social, grupo ou força mundial que possa garantir o bem comum de todos os seres humanos. Não. De modo nenhum. Pelo contrário, o lugar onde a Paz cria raízes, onde a vida triunfa, a Verdade é honrada e o Amor domina é o coração humano. O teu coração convertido a Jesus é renovado de acordo com a Sua palavra.

Essa é a razão pela qual Maria vos convida a todos vós, aqui, hoje. Ela sabe muito bem como trazer a Paz ao mundo. Ela é a mãe do Príncipe da Paz. A paz surgiu neste mundo com o seu Filho.

Vós todos, e cada um de nós somos a melhor esperança do mundo, ao aproximarmos-nos do fim deste milénio. No entan-

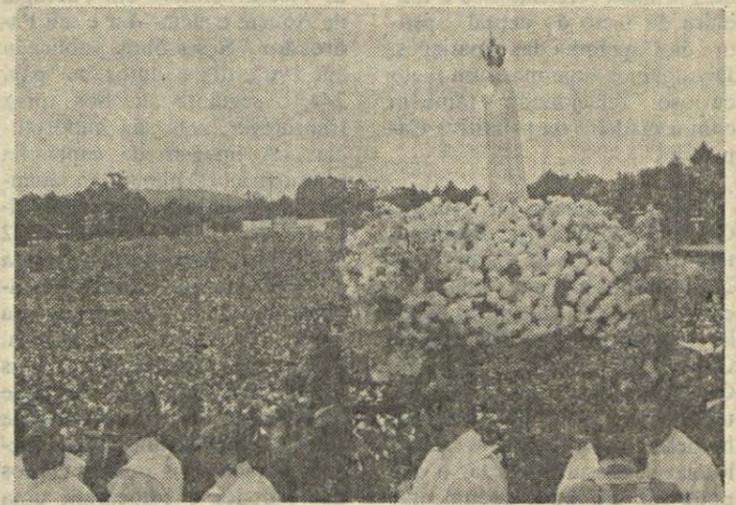
O CARDEAL
D. BERNARD
FRANCIS LAW,
ARCEBISPO
DE BOSTON,
NA HOMILIA
DE 13 DE MAIO,
NO SANTUÁRIO
DE FÁTIMA

to, como disse Maria, vós tendes de vos converter. Vós tendes de mudar a vossa vida e fazer tudo o que Jesus ordena. Vós todos tendes de dizer «sim», sim a Deus.

Maria, Ela mesmo nos mostra como esse «sim» deve ser dito. É o caminho da penitência cristã. Ela tornou-se a Mãe de Deus quando disse: «faça-se em Mim, segundo a Tua Palavra» (Lc. 1, 38). A prática da penitência cristã é a repetição do «sim» de Maria à vontade de Deus. Nós decidimos viver de tal maneira que a Palavra de Deus é cumprida e realizada na nossa vida.

Jesus disse: Bem-aventurados os pobres» (Lc. 6, 20). Nós consentimos que esta palavra seja realizada em nós, em nós crie raízes, quando decidimos não acumular tanto e dar mais àqueles que têm necessidade.

Jesus disse: «Bem-aventura-



dos os que têm fome» (Lc. 6,20). Nós consentimos que esta palavra crie raízes na nossa vida, nós consentimos que se realize em nós, quando decidimos controlar as paixões da carne a fim de prestar mais atenção a Deus e à Sua Vontade em relação a nós e àqueles que amamos.

Jesus disse: «Bem-aventurados os que choram» (Lc. 6,21). Esta palavra é realizada em nós quando procuramos socorrer e aliviar os amargurados, fazendo tudo o que está ao nosso alcance para os consolar, visitar os doentes, assistir os moribundos e levar conforto aos enclausurados.

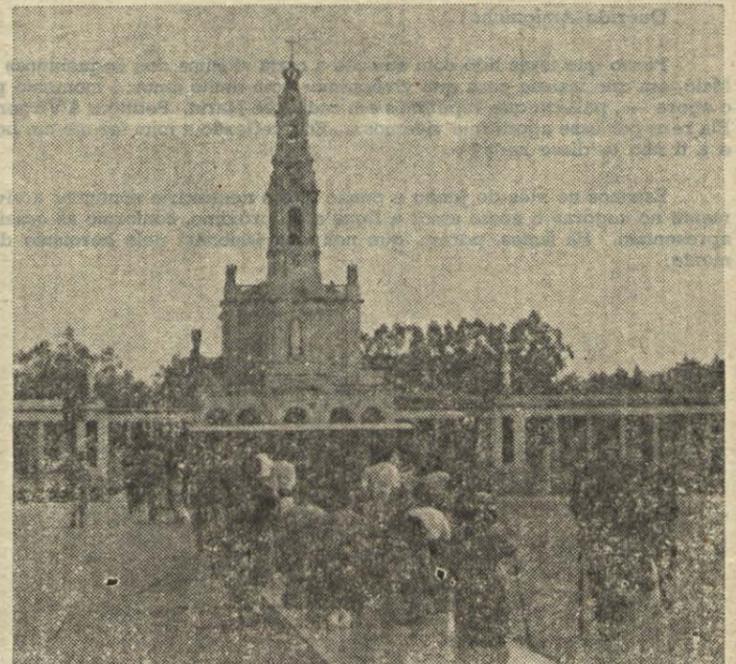
Esta palavra de Jesus é realizada de um modo ainda mais perfeito quando nos voltamos verdadeiramente para Ele com verdadeiro arrependimento dos nossos pecados e em humildade e sinceridade procuramos o Seu perdão através do Ministério da Igreja, no sacramento da Penitência. Que a Palavra de Deus seja cumprida e realizada em nós, nas nossas vidas, pelo grande dom da graça, a santa penitência!

Maria convida-nos à conversão e à penitência, a ouvir a palavra de Jesus e a vivê-la nas nossas vidas. Ela sabe que só quando cada um de nós se voltar inteiramente para o Senhor e viver de acordo com a sua vontade poderá o ódio, a perseguição e a morte terminar o seu domínio neste mundo. As vidas de todos e cada um de nós dependem do nosso «sim» a Maria e ao seu Filho.

Na véspera do Pentecostes, Maria juntou-se em oração aos Apóstolos, à espera do dom do Espírito Santo, o poder vivificador do Alto que Jesus havia prometido.

Na véspera deste Pentecostes, juntai-Vos também a nós, Senhora. Orai connosco. Ajudai-nos a rezar os mistérios do santo Rosário. Fazei que a nossa oração, Senhora, se junte à Vossa e à de Jesus, de tal modo que todos nós, nas nossas casas, nas nossas responsabilidades da vida, possamos realizar tudo o que Deus quer de nós. Pedimo-Vos, Senhora, que intercedais de um modo especial pelo Líbano. Nesse país, onde o medo e a sombra da morte pairam pesada e tragicamente na fumaça dos bombardeamentos, na violência e no ódio. Que os filhos e filhas do Líbano conheçam em breve os dons de Deus, a paz e a reconciliação.

Deus mandou o Seu espírito para dar a vida ao mundo através de vós e convosco, pela vida de cada um dos Seus discípulos. Vós estais connosco para nos apoiar com as vossas orações. Que este nosso tempo convosco aqui neste lugar sagrado, tempo de oração em comum, ajude cada um de nós a dizer sim. Sim, para melhorar a nossa vida. Sim para viver a palavra de Jesus em actos de penitência. Sim a Deus para uma vida de oração constante. Só então, a anunciada promessa do Espírito de Deus há-de vir ao mundo que caminha na necessidade e na esperança.



Edificar um mundo renovado

D. Maurílio de Gouveia, arcebispo de Évora, presidiu à Eucaristia celebrada no dia 12 de Maio, após a recitação do terço e a tradicional procissão de velas (que reúne sempre elevado número de peregrinos).

Na homilia que proferiu, o arcebispo de Évora confrontou a situação do mundo nos primeiros tempos do cristianismo com a situação do mundo nos tempos actuais.

'Só com a força do Espírito de Deus se poderá hoje contribuir para eliminar os germes da corrupção, da angústia e do medo, e criar uma nova ordem, informada pelos autênticos valores humanos' — concluía D. Maurílio de Gouveia, quase no final da sua homilia, da qual transcrevemos aqui grande parte.

Como, certamente, o nosso leitor notará, a reflexão sobre a vinda do Espírito Santo sobre a Igreja foi tema obrigatório nas celebrações litúrgicas, pois que estávamos nas vésperas da solenidade do Pentecostes.



D. MAURÍLIO DE GOUVEIA, ARCEBISPO DE ÉVORA, NA HOMILIA DE 12 DE MAIO

Num mundo dilacerado por tensões e injustiças e corrompido pelo pecado, começava a impor-se uma vida nova. Surgiam consciências renovadas, corações que irradiavam felicidade, porque libertos de angústias e de males morais escravizantes. A paz entrava nas casas; vinha acompanhada da justiça, do perdão e da reconciliação.

O mundo de então tinha os olhos postos naquelas comunidades que se multiplicavam um pouco por toda a parte e que, no seu carácter humano e simples, encerravam uma força que continha algo de misterioso. Muitas vezes os poderes duma sociedade decaída as perseguiam; mas «o sangue dos mártires era semente de cristãos», na expressão feliz dum grande escritor eclesial dos primeiros tempos (Tertuliano).

Maria foi, naqueles primeiros instantes, modelo vivo, protótipo exemplar da Igreja de Cristo.

O acontecimento da primeira hora, o mistério do Pentecostes, não foi, porém, meteoro fugaz, mas antes nascente dum rio caudaloso que continuou a correr e a crescer, ao longo da história, e ainda hoje percorre a sociedade.

É que Cristo é de ontem, é de hoje, e é de amanhã. A Sua salvação é para cada homem e para cada época.

A sociedade contemporânea tem de descobrir que, para além e na base de múltiplos e graves problemas, de ordem económica, social e política, que a afe-

ctam, há males, há uma corrupção a um nível mais profundo: o das consciências. É a fraqueza perante o aliciamento do mal; é o egoísmo que conduz às injustiças; é a falta de uma visão superior dos acontecimentos; é a busca desordenada do prazer que leva a destruir compromissos definitivos, como os compromissos familiares.

A corrupção profunda do coração do homem e que se reflecte na vida familiar e social tem um nome, e este é o pecado.

A resposta fundamental que a nossa época necessita, só Deus a pode dar. Nada poderá substituir Deus. A falência das diversas ideologias materialistas e ateias é manifesta. E só por cegueira se tentam novas formas de erros passados.

Em Deus está a chave da resposta: não, porém, um Deus feito à nossa maneira e ao gosto de cada um, mas o Deus que se revelou em Jesus Cristo, como Libertador e Salvador Universal; Deus que veio a nós no Espírito Santo.

Que veio fazer Maria a Fátima? Veio convidar os homens, seus filhos, a levantar os olhos para mais alto e encontrar em Deus a resposta aos males do nosso tempo. Veio recordar-lhes a mensagem de seu Filho, Jesus Cristo: mensagem de conversão, de oração e de paz.

Somos convidados a dar novo impulso à construção dum mundo renovado, mais verdadeiro, mais justo, mais fraterno. Che-

gou a hora de nos lançarmos numa nova evangelização, acaba de anunciar o Santo Padre João Paulo II a toda a Igreja e, em especial, aos fiéis leigos. Escutemos as suas palavras. «As portas do terceiro milénio, a Igreja inteira, pastores e fiéis, deve sentir mais fortemente a sua responsabilidade de obedecer à ordem de Cristo: «Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura» (Mc. 16, 15), renovando o seu impulso missionário. Grande, empenhativa e magnífica tarefa é confiada à Igreja: a nova evangelização, de que o mundo actual tem tanta necessidade. Os fiéis leigos devem sentir-se parte viva e responsável desta tarefa, chamados como são a anunciar e a viver o Evangelho ao serviço dos valores e das exigências da pessoa e da sociedade» (C L n. 64).

Tal como há dois mil anos, tal como ao longo da história, só com a força do Espírito de Deus, «que renova a face da terra», se poderá hoje contribuir para eliminar os germes da corrupção, da angústia e do medo,

13 DE MAIO: A BÊNÇÃO DOS DOENTES



e criar uma ordem nova, informada pelos autênticos valores humanos.

Fátima recorda-nos eloquentemente que Maria tem uma missão insubstituível nesta mis-

são, confiada à Igreja, de contribuir para a salvação dos homens e a transformação do mundo contemporâneo. Mãe de todos os homens, Maria é o grande modelo da humanidade renovada.

OS PASTORINHOS, HERÓIS DA VIRTUDE

No dia 13 de Maio, foram os peregrinos de Fátima jubilosamente surpreendidos com a grande notícia de que o Santo Padre tinha aprovado o Decreto da heroicidade das virtudes dos Pastorinhos Francisco e Jacinta — passo decisivo para a possível beatificação. Quer dizer, reconhece a Igreja que os dois pequeninos praticaram a virtude em grau fora do normal, não como crianças volúveis e superficiais mas como pessoas adultas na fé. Chegou-se a esta conclusão pela análise dos factos e pelo testemunho de 25 depoentes quanto ao Francisco, e de 27 quanto a Jacinta.

É esta, aliás, a convicção que se apodera de quem compulsa os documentos, sobretudo os manuscritos da Irmã Lúcia. Pode mesmo perguntar-se se alguma vez na história da Igreja terão as crianças subido a tal grau de virtude.

Referindo-se à pequenina Jacinta, escreve Lúcia:

«O que eu sentia (junto dela) era o que ordinário se sente junto de uma pessoa santa, que em tudo parece comunicar a Deus. A Jacinta tinha um porte sempre sério, modesto e amável que parecia traduzir a presença de Deus em todos os seus actos, próprio de pessoas já avançadas em idade e de grande virtude. Não lhe vi nunca aquela demasiada leviandade ou entusiasmo próprio das crianças pelos enfeites e brincadeiras... Ela era criança só de anos. No demais sabia já praticar a virtude e mostrar a Deus e à Santíssima Virgem o seu amor pela prática do sacrifício. É admirável como ela compreendeu o espírito de oração e sacrifício que a Santíssima Virgem nos recomendou».

O reverendo Doutor Manuel Nunes Formigão, que tão profundamente reconheceu e muitas vezes interrogou, ajuiza-a desta forma: «No final da sua

carreira tão curta a Jacinta era fruto maduro completamente desprendida das coisas da terra e presa aos bens eternos».

Do Francisco relata sua prima Lúcia:

«As pessoas que o visitavam, tanto da terra como de fora, sentavam-se junto da cama dele, às vezes longo tempo, e diziam: — Não sei que tem o Francisco. A gente sente-se aqui bem!»

Algumas vizinhas comentavam um dia com minha tia e minha mãe, depois de terem estado um bocadinho de tempo no quarto do Francisco: — É um mistério que a gente não entende. São crianças como as outras, não nos dizem nada e junto delas sente-se um não sei quê de diferente das demais.

— Parece que se sente, ao entrar no quarto do Francisco, o que sentimos ao entrar na igreja — dizia uma mulher vizinha de minha tia, de nome Romana e que não mostrava acreditar nada nos factos».

Na verdade, os Pastorinhos, em pouco tempo, altearam-se até às cumeadas da perfeição e da heroicidade própria dos santos.

Se não derramaram cruentamente o sangue, deram o testemunho do martírio. Quando foram presos, ameaçaram-nos de morte e declararam que um após outro já estavam mortos.

Afirma Lúcia, referindo-se a si própria: «Disseram que os meus primos já estavam queimados e que eu teria a mesma sorte, se não dissesse o segredo. Embora pensasse que era certo, não tive medo».

Outro acto heróico, que poucas vezes se terá repetido na história da santidade cristã, é passar um mês inteiro, o de Agosto, de calor escaldante, sem beber água, uma única vez: «Tínhamos também por costume, de vez em quando, oferecer a Deus o sacrifício de passar uma nove-

na ou um mês sem beber. Fizemos uma vez este sacrifício em pleno mês de Agosto em que o calor era sufocante».

Ao sacrifício da bebida acrescentavam as mortificações na alimentação. Nos meses de verão saíam os três de manhã cedo com o rebanho para a serra, donde só voltavam ao entardecer. A refeição, levada numa saqueta, a que eles davam o nome de merendá e que nós chamaríamos almoço, distribuíam-na, primeiro, pelas ovelhas, e depois, por sugestão da Jacinta, pelos pobrezinhos: «Era então o nosso sustento nesses dias: pinhões, raízes de campainhas (é uma florzinha que tem na raiz uma bolinha do tamanho duma azeitona), amoras, cogumelos e umas coisas que colhíamos nas raízes dos pinheiros, ou fruta, se havia perto, em alguma propriedade pertencente a nossos pais».

Trazer, dia e noite, atada à cinta uma corda, era um sacrifício tão violento que o próprio Senhor, com solicitude materna, manda-lhes dizer por meio de sua Imaculada Mãe: «Deus está contente com os vossos sacrifícios, mas não quer que durmais com a corda. Trazei-a só durante o dia».

Estas e tantas outras mortificações, sobretudo o cumprimento fiel do dever e a submissão aos desejos de Deus, mesmo quando os experimentava com a dor, são prova de virtude própria dos santos.

Só nos falta pedir ardentemente ao Senhor que apareçam e se comprovem os milagres indispensáveis para a beatificação ou que o Santo Padre os dispense a fim de em breve podermos venerar nos altares os Pastorinhos Francisco e Jacinta, pequeninos na idade e na estatura corporal, mas grandes na heroicidade da virtude.

P. FERNANDO LEITE

Movimento dos Cruzados de Fátima

CAMINHOS DE FÁTIMA

De 27 de Abril a 13 de Maio, cerca de 25.000 peregrinos vieram a Fátima a pé.

É difícil descrever o que se passou durante estes dias. Tivemos oportunidade de contactar com a maior parte dos postos de assistência referenciados no jornal «Voz da Fátima» do mês de Abril, como Ordem de Malta, Saom, delegações da Cruz Vermelha de Aveiro, Coimbra, Leiria e Porto, escuteiros, bombeiros, Movimento dos Cruzados de Fátima, posto de S. Miguel de Poiares, orientado pelo Prof. José Morais e esposa, Colégio das Irmãs de S. José de Chumy de Fomalicão da Anadia que, além do acolhimento aos peregrinos durante a noite, forneceu alimentação a muitas pessoas que trabalharam nos postos de assistência, bem como à equipa nacional do

MCF. Além dos postos referidos, tivemos conhecimento da existência de outros, orientados pelas paróquias de Vila Nova de Ourém, Alqueidão da Serra, Alcanena, Minde, etc..

O nosso obrigado vai para todos, mesmo para os não mencionados, pois a dedicação foi grande e a generosidade foi edificante.

Notou-se entre todos os acolhedores dos peregrinos maior unidade e espírito de compreensão e colaboração. O cartão de identidade, a título experimental, deu-nos novas perspectivas de trabalho para o futuro. Prestou-se assistência religiosa em quase todos os postos, com a presença de alguns sacerdotes, religiosos e leigos.

Celebraram-se 25 missas campestres durante estes dias.

Foi para nós uma agradável e

alegre surpresa a visita que o sr. Bispo de Aveiro, D. António Marcelino, se dignou fazer aos postos de assistência montados na sua diocese.

Vai aumentando cada vez mais o número de peregrinos jovens e de peregrinos de todas as classes sociais.

Se nos perguntassem o que fazer para melhorar este serviço, diríamos: teremos de começar pela paróquia, pois é aí que o peregrino normalmente faz a sua vida. Sem um trabalho de base, pouco se consegue durante a peregrinação e, muito concretamente, no Santuário.

O povo português desde sempre revelou acentuado espírito de peregrino. É certo que há expressões menos correctas e pouco cristãs de alguns peregrinos, mas há muito de positivo que é importante e necessário aproveitar como meio de catequização e evangelização.

João Paulo II tem-nos dado doutrina segura e clara para uma boa pastoral de peregrinações. O Movimento dos Cruzados de Fátima não se tem poupado a esforços para esclarecer e ajudar neste sector. Temos pena de que muitas paróquias não tenham dado colaboração ao que se pretende com este novo movimento. Por outro lado, verificamos com agrado que vêm grupos de peregrinos bem organizados e orientados pela respectiva paróquia. É de notar ainda que grupos de Cruzados de Fátima traziam um bom programa.

Sabemos que há promessas que não se devem cumprir. Há muita coisa a esclarecer, a nível nacional, para o que contamos com o bom resultado do trabalho duma equipa de médicos que está a estudar o assunto.

Mais uma vez o nosso obrigado a quantos nos ajudaram, inclusive os meios de comunicação social.

P. MANUEL ANTUNES

VISITAR OS DOENTES:

NORMAS PASTORAIS E CONSELHOS A SEGUIR

Que formosos são, sobre os montes, os pés do mensageiro que anuncia a paz, que traz a boa nova, que apregoa a vitória. (Is. 52, 7)

Sempre que fizestes isto a um destes Meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes. (Mt. 25, 40)

NORMAS:

Não se trata aqui da visita «médica», ou «assistencial», ou de «cortesia», mas da visita do serviço pastoral de Visitadores de Doentes.

A visita não é feita em nome do visitador, mas da comunidade que ele representa: implica responsabilidade especial

A mensagem que o visitador leva ao doente, família e outros, não é sua, mas da comunidade: requer fidelidade, seriedade, sentido interpretativo.

A mensagem que traz do doente e outros, é para a comunidade: é necessário comunicá-la.

Por motivos de vária ordem, a visita não deverá estar ligada a ofertas materiais. Se estas forem necessárias, o visitador deverá informar o «vicentino» ou «assistente social», ou... a quem compete esse serviço.

Saber ouvir, ser discreto, e guardar segredo, é fundamental.

CONSELHOS:

O que de melhor podes dar a um doente é ajudá-lo a encontrar-se a si próprio. Mesmo que o doente tenha perdido muito, deve ter ficado alguma coisa. Deve-se construir sobre esta «alguma coisa», com fé e esperança;

Para compreender o doente é necessário pôr-se no seu lugar. É muito difícil, mas se não tentas fazê-lo, é inútil discutir com ele;

Afirmar que Deus o ama muito é bonito e também é verdade. Porém, neste momento, tu deves provar-lhe o teu amor, não o de Deus, e isto não se faz com palavras;

Pode acontecer que a dor una mais a Deus do que a alegria. Limita-te a sugerir-lhe a união, não com palavras ou sentimentalismos, mas com o teu exemplo;

Sê sempre optimista, sereno e alegre. Mesmo nos momentos mais agudos da dor haverá sempre uma aberta para infiltrar a esperança, e um sulco para levar a alegria; Sorri. Poderá haver «ponte» mais segura que o esboço de um sorriso?

P. DOMINGOS REBELO

O TERÇO EM FAMÍLIA

A oração do terço é uma justa homenagem que a família pode oferecer diariamente ao Senhor, por intermédio de Nossa Senhora.

O Concílio do Vaticano II frisou que a família — célula vital da sociedade — deve mostrar-se como um santuário familiar da Igreja. É necessário, pois, instaurar na vida do lar a oração em comum! Assim, o rosário é uma das melhores e eficazes orações que a família cristã deve praticar.

Ao findar o dia, serve para agradecer ao Senhor todos os benefícios, reparar as faltas e rogar a bênção para toda a família. É como que oferecer a sua casa, como hospedagem, a Nossa Senhora e a seu Divino Filho.

O terço diário é, para a família, uma fonte de graças! É, como em noite escura e fria, a luz e o calor do céu, a transformar o lar em santuário de fé e de amor. É, como disse o Vigário de Cristo: «família que reza o terço, é família unida e feliz».

O terço em família é ainda um belo exemplo: dos pais para filhos e de cada um para todos. Exemplo esse que perdurará pela vida fora, pois jamais esquece...

Se o terço individual tem muito

valor, o terço em família redobra de valor, pois atrai a presença do Senhor, que disse: «Onde estão dois ou mais reunidos em meu nome, Eu lá estou no meio deles» (Mat. 18, 20).

A Igreja concede indulgência plenária (nas condições habituais) a quem o meditar e rezar com devoção em família.

Certamente que teremos algumas dificuldades... Mas, mais das vezes, são pretextos: estudo, sono, televisão, etc.. Mas, também sabemos, que querer é poder.

Pais e filhos combinam uma hora favorável a todos. Reúnem-se diante duma imagem. Cada membro da família, por sua vez, pode dirigir um dos mistérios — que deve ser meditado.

E, tenhamos a certeza que quem procurar aí a presença do Senhor, sentirá como é bom estar com Ele... O terço é como que, uma refeição espiritual da família. Diz Jesus: «nem só de pão vive o homem».

Façamos por imitar a pastorinha de Fátima Jacinta, que, depois das aparições, insistia com os pais que «rezassem o terço em comum, todos os dias», encarregando-se ela de lembrar esta devoção, à noite, depois da ceia.

Engrácia Cândida

Encontro em Pombal — Diocese de Coimbra

No passado dia 30 de Abril, o Secretariado Diocesano do Movimento dos Cruzados de Fátima de Coimbra promoveu mais um encontro de zona das freguesias de Pombal, Ilha, Mata Mourisca, Lourçal, Almagreira, Ansião, Abiul e Lousã.

Após uma grandiosa procissão com a imagem da Senhora do Rosário, realizou-se uma participada assembleia na qual cada paróquia apresentou o relato das suas actividades e novos projectos para o futuro. Seguiu-se a celebração da Eucaristia, presidida pelo Assistente Nacional do MCF e participada por mais de 2.000 pessoas. A homília insistiu na necessidade duma resposta consciente e perseverante à mensagem de Fátima, hoje mais actual que em 1917; na necessidade de responder ao grande apelo da Virgem «não ofendam mais a Deus Nosso Senhor que já está muito ofendido»; não aceitar o permissivismo onde tudo é permitido e o subjectivismo, como se Deus não nos tivesse dado normas riquíssimas e claras, como são os Seus Mandamentos.

Um bem-haja a todos quantos estão a trabalhar pelo objectivo apostólico do Movimento, situado nos seus campos de pastoral — formação, oração, peregrinações e doentes.

A NOSSA PEREGRINAÇÃO NACIONAL — 16 E 17 DE SETEMBRO

Pede-se encarecidamente aos responsáveis paroquiais do Movimento que comecem desde já a preparar esta peregrinação com todo o cuidado, pois se trata dum acto apostólico que faz parte integrante da vida do Movimento e por isso todos os associados lhe deveriam dar uma particular atenção. Esperamos que os Secretariados Diocesanos já estejam a orientar as Direcções Paroquiais neste sentido e a envidar esforços para que as dioceses tenham uma significativa representação nesta peregrinação.

A oração e o sacrifício são elementos essenciais para uma boa preparação.

Procurem programar algo de concreto tanto para os Cruzados como para outras pessoas que queiram participar.

Informamos que o Secretariado Diocesano do Movimento da Arquidiocese de Braga assumiu o encargo de programar e orientar com o Secretariado Nacional esta peregrinação.

Disponham tudo de forma a poderem estar no Santuário às 15 horas do dia 16. Esperamos publicar dentro de pouco tempo o programa. Unidos, trabalhemos...

O Secretariado Nacional

SECTOR JUVENIL

O futuro do Movimento está na decisão e na generosidade dos jovens. Os animadores menos jovens não podem ignorar esta realidade.

Sabemos que a pastoral juvenil não é das mais fáceis. Não devemos pretender conquistar multidões, mas sim esforçar-nos por formar pequenos grupos. Nossa Senhora trabalhou apenas com um grupo de três crianças. É de imitar a paciência que teve, pois eram crianças incultas, mas de bom coração. Isso A levou a fazer a escolha.

Por vezes, nota-se um certo medo e falta de confiança nos jovens. Não esqueçamos que nasceram e são criados numa sociedade muito marcada pelo ateísmo, materialismo e consumismo. Vivem e respiram todo este ambiente, na escola, na fábrica, na rua, nos divertimentos, na televisão e na literatura. Tal ambiente dificulta a sua adesão ao espiritual e a princípios morais.

O melhor apóstolo do jovem é o jovem. Recordemos como fez a vidente Lúcia: logo a seguir à primeira aparição de Nossa Senhora, convidou as companheiras que tinham feito a comunhão solene com ela, a assistirem à 2.ª aparição.

Maria quer transformar este mundo. Para isso veio a Fátima e conta com todos, especialmente convosco, os jovens de hoje.

A pessoa vale pelos actos heróicos que realiza e testemunha. Para seguir a Cristo como Maria e com Maria, é preciso ter coragem e valentia.

Vós, jovens, sois portadores dessa coragem e valentia. Olhai que vale a pena!

P. MANUEL ANTUNES

O Movimento em notícias

No dia 11 de Março p.p. realizou-se em Faro o primeiro encontro de responsáveis diocesanos do MCF do Algarve. Participaram os representantes das paróquias de Algôs, Almancil, Bensafirim, Barão de S. João, Sé, S. Pedro, S. Sebastião de Lagos, S. Sebastião de Loulé, S. Bartolomeu de Messines, Monchique, Odeáxere, Olhão, Salir e do Sítio do Vale d'Éguas Almancil.

Depois da chamada das paróquias, o rev. P. Cruz, capelão militar, desenvolveu o tema «Responsabilidade dos Leigos na Família e Formação da Juventude e sua Colaboração com os Sacerdotes».

O bispo da diocese, D. Manuel Madureira Dias, esteve presente durante o tempo que lhe foi possível, e, na sua intervenção, recomendou a união e colaboração do MCF com os outros movimentos apostólicos. Lembrou que a pastoral dos doentes é tarefa específica dos Cruzados de Fátima.

Da parte da tarde, os trabalhos continuaram-se com o estudo dos seguintes temas: Natureza e fins do Movimento, obrigações e direitos dos associados, formação e funcionamento das trezenas e direcções paroquiais, vivência dos primeiros sábados e dias 13, retiro de doentes e responsáveis, preparação e participação na peregrinação nacional.

O encontro encerrou-se com a Eucaristia, presidida pelo assistente diocesano do MCF, P.º Joaquim Jorge de Sousa.

Vidas que falam!

O QUE FUI E O QUE SOU

Das muitas cartas que nos chegam transcrevemos algumas frases duma que recebemos, a semana passada.

«Sou um jovem que, aos 14 anos, decidi rejeitar os conselhos da minha mãe, pois o meu pai morreu quando tinha a idade de 7 anos. Comecei a conviver com um grupo de amigos. Hoje reconheço que fui enganado por eles.

Aos 17 anos, tive um desastre, devido ao qual fiquei paralisado e agora passo os meus dias numa cadeira de rodas. Reconheço o que fui e como foi grande a misericórdia de Deus para comigo. Vejo que estamos numa sociedade que explora os jovens. Acusam-nos de sermos rebeldes. De quem é a culpa, se nos apresentam vidas que vejo não serem vidas, mas mortes? Tenho pena de a televisão e a rádio se preocuparem em apresentar cenas de crimes, de violência, de ódios, de sexualidade, e não mostrarem tantas vidas heróicas que sofrem e a isso não ligarem importância.

Se quiserem que nós, jovens, mudemos, mudem primeiro muita coisa que os adultos nos estão a dar. Era tempo que alguém de responsabilidade tomasse providências. Se quiserem que sejamos jovens bons, há que serem corajosos e exigirem a quem de direito mudar de projectos. Pedimos que não nos enganem.

De quem é a culpa, dos jovens ou dos adultos?

Um Jovem de Braga

Coração de Maria, Caminho, Verdade e Paz

Frequentemente Jesus acentuou que o Reino dos Céus é para os que são como as crianças (Mat. 19, 14). «Eu Te bendigo e agradeço, ó Pai, Senhor do Céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e as revelaste aos simples (Mat. 11, 25).

Há em Deus muitas coisas que, ou se aceitam na Fé pela simplicidade do coração, ou se rejeitam orgulhosamente pelo racionalismo intelectual. Se em todos os tempos isto aconteceu, parece-nos que nos tempos que decorrem, o homem, extasiado com as suas descobertas, rejeita ou ignora Deus e a Sua transcendência. «Os homens e as mulheres do nosso tempo mostram-se por vezes insensíveis, se não hostis, às verdades eternas do cristianismo. Prisioneiros de ideologias materialistas e ateias, enredados nas malhas duma sociedade de consumo, seduzidos pelo fascínio, progresso científico e técnico, tendem a pôr a sua confiança e a sua esperança única-

mente nas realidades temporais e nas capacidades humanas» (homilia de D. António Ribeiro, patriarca de Lisboa, de 13/5/1987).

João Paulo II diz que «a Mensagem de Fátima é o Evangelho recordado por Maria» e D. António Ribeiro afirma que «jamais acreditará em Fátima quem não acreditar no Evangelho». Estas palavras confirmam as do Senhor Jesus: «Eu Te Bendigo, ó Pai, por teres revelado estas coisas aos pequeninos».

Já o facto de Deus ter escolhido três crianças, humildes e sem cultura, é mensagem para o homem orgulhoso da sua ciência. Elas, sem curso teológico, viveram intensamente a Teologia do Amor de Deus, revelado em Jesus Cristo, de quem Maria é Mãe. Descobriram, pelas palavras do Anjo e de Nossa Senhora, que jamais se pode separar o Coração do Filho Jesus Cristo de Sua Mãe Maria Santíssima. A «Lumen Gentium» do II Concílio

do Vaticano diz que «a Maternidade de Maria perdura sem cessar desde o consentimento que Ela prestou, na Anunciação, e manteve firme sem vacilar ao pé da Cruz, até à consumação final dos eleitos. Depois de elevada ao Céu, não abandonou esta missão salutar, mas, pela sua múltipla intercessão, continua a obter-nos os dons da salvação eterna, operada por seu Filho Jesus Cristo».

João Paulo II, em 1982, afirmou em Fátima que «a solicitude da Mãe do Salvador se identifica com a solicitude pela obra da salvação: a obra de seu Filho. É solicitude pela salvação de todos os homens. Estas palavras confirmam que, por vontade expressa de Deus, Maria perpetua a sua Maternidade Divina nos corações dos que A aceitam como Mãe do Salvador e como sua Mãe. Por isso, em 13/6/1917, Maria foi clara e incisiva: «Deus quer estabelecer no mundo a devoção ao Meu Imaculado Coração». Em Paray-Le-Monial pede a devoção ao Seu Coração e em Fátima ao Coração de Sua Mãe. Esta devoção já tinha sido muito propagada por S. João Eudes, noutras épocas da Igreja. Porém em Fátima há uma palavra de ordem: Deus quer... Não se trata dum conselho, parecer ou alternativa. E até profeticamente são anunciadas profeções se não atenderem a esta ordem. Portanto, duma resposta a este querer de Deus depende a paz ou a guerra, a salvação ou a condenação de muitas almas (Aparição de 13/7/1917).

A 10/12/1925, em Pontevedra — Espanha, Jesus e Maria renovam o mesmo pedido, apresentando uma forma concreta e específica: os cinco primeiros sábados correspondentes às cinco grandes ofensas ao seu Coração Imaculado e, conseqüentemente, a Jesus:

- os que negam a Sua Imaculada Conceição
- os que negam a Sua Virgindade
- os que negam a Sua Maternidade Divina
- os que profanam as suas imagens
- os que procuram infundir no coração das crianças a indiferença, o desprezo e até o ódio contra esta Imaculada Mãe.

O esquema é simples: em cinco sábados seguidos (ou domingos, quando haja motivo que o justifique) fazer: a confissão, a comunhão, a oração do terço, e 15 minutos de companhia a Nossa Senhora, meditando os mistérios do Rosário.

A confissão pode ser feita antes ou depois, contanto que se comunique em estado de graça e se receba o sacramento da Reconciliação para cada 1.º sábado.

Em 15/2/1925, a vidente Lúcia é advertida por Jesus de não ter espalhado esta devoção, ao que ela respondeu que a sua superiora e o confessor lhe tinham apresentado algumas dificuldades e que sozinha não o podia fazer. Jesus promete ajuda, desde que colaborem.

João Paulo II, na sua 1.ª carta encíclica REDEMPTOR HOMINIS, diz: a situação do homem no mundo contemporâneo parece estar longe das exigências objectivas da ordem moral, das exigências da justiça e, principalmente, do amor social (n.º 16). Isto não surpreende, dado que se trata duma civilização de perfil puramente materialista.

Maria, com o seu Coração de Mãe, quer desfazer do nosso mundo aqueles ídolos, diante dos quais nos ajoelhamos e servimos: o ódio, o prestígio, a fama, o partido, o intelectualismo, a sexualidade, a droga, a vaidade, etc.. Permitamos que Ela realize em nós a sua maternidade divina e que Deus tenha o primeiro lugar a que tem direito, na pessoa, na família e na sociedade. Ela quer ajudar-nos a compreender o sentido negativo do pecado para recuperar o verdadeiro sentido de Deus. Ela quer ajudar-nos a compreender a penitência do Evangelho, que recordou em Fátima: purificação do coração e abertura à Redenção do Seu Filho. Não se iludam aqueles que se limitam a penitências externas, julgando que tudo está feito e que agradam a Nossa Senhora. Chegou a hora de reflectirmos nas palavras: «Deus quer estabelecer no Mundo a Devoção ao Meu Imaculado Coração». Enquanto nos é dado tempo e possibilidade, façamo-lo quanto antes. Não digamos que já temos muitas devoções. Esta ao Imaculado Coração de Maria foi-nos proposta como um dom para o nosso tempo. Não perçamos tempo a discutir valores, mas respondamos, ao jeito de Maria, com um SIM.

P.º Manuel Antunes

Beatificar os Videntes — Um processo concluído

O anúncio feito pelo bispo de Leiria-Fátima, D. Alberto Cosme do Amaral, no passado dia 13 de Maio, em Fátima, acerca da promulgação do decreto de heroicidade de virtudes foi um tema largamente debatido e analisado nos órgãos de comunicação social.

António Cadavez, jornalista do «Diário de Notícias», um dos jornais que deram mais espaço ao debate deste tema, fazia um historial de todo o processo, no passado dia 21 de Maio, num artigo que agora publicamos, com a devida vénia.

Antes da visita do Papa João Paulo II a Portugal, em Maio de 1982, o cardeal Palazzini, então presidente da Congregação da Causa dos Santos, declarou, em entrevista ao «Expresso», que os processos de beatificação dos videntes de Fátima, Jacinta e Francisco, iriam ser acelerados.

E foram, realmente, se pensarmos que só em 1979 a Congregação da Causa dos Santos, após dois dias de estudo que envolveu os cardeais e respectivos conselheiros, teólogos, médicos moralistas, psicólogos e educadores, deliberou que «nem todas as crianças são chamadas a uma santidade canónica — que se traduz na beatificação ou canonização —, mas, como na ordem natural existem crianças de milagre, também as pode haver na ordem sobrenatural — os chamados santos».

Se tivermos em conta este espaço de dez anos, num processo naturalmente moroso que implica coligir documentos e examinar factos para um processo de beatificação ou canonização, temos de admitir que os processos dos videntes andaram com alguma celeridade. Isto mesmo o deixara entender o cardeal Palazzini quando, em Dezembro passado, antes de abandonar a presidência da Congregação, afirmou, em conferência de imprensa, que os processos dos pastorinhos estavam em bom andamento.

Mais deixou no ar a hipótese de a Santa Sé poder extinguir o grau de beatificação, alegando que quando o Vaticano determinara este estágio intermédio antes da canonização, o fizera por razões históricas: porque «choviam» sobre o Vaticano, especialmente na Idade Média, inúmeros processos de canonização a que era impossível dar resposta em tempo útil e também porque a concepção de milagre, dada a mentalidade da época, era então muito lata.

PAPA FAVORÁVEL À BEATIFICAÇÃO

O anúncio público e oficial, no início da peregrinação internacional do dia 13 de Maio, em Fátima, feito pelo bispo de Leiria, D. Alberto Cosme do Amaral, de que o Papa assinara o decreto papal sobre as virtudes heróicas dos videntes, confirmou aquilo que, dias antes, o padre Luís Kondor, delegado (vice-postulador) para fora da cidade de Roma, dos processos dos videntes, confirmara de que tudo estava a correr (a toda a velocidade possível).

E de facto, o Papa Paulo II não demorou 30 dias, para assinar o decreto pontifício, desde que, a 18 de Abril, o plenário da Congregação da Causa dos Santos aprovou, favoravelmente, os processos dos videntes em ordem à beatificação. Este curto espaço de tempo entre a decisão da Congregação e a assinatura do decreto papal, demonstra que João Paulo II vê com entusiasmo a elevação dos videntes aos altares. Desejo que manifestou à irmã Lúcia, quando esta lhe pedia, a 13 de Maio de 1982, no local das aparições, para que beatificasse os seus primos, ao que ele respondeu: «Reza minha filha, para que isso aconteça ainda comigo!»...

É de crer que, na decisão da Congregação da Causa dos Santos, tomada em 1979, tivesse pesado também a influência do Papa João Paulo II. De facto, até então, estava de pé a disposição do Papa Pio XI, de 1937, segundo a qual «ficava vedado oficialmente o caminho dos altares a crian-

ças e jovens antes dos 17 anos, à excepção daqueles que tivessem sofrido o martírio por motivos de fé».

A decisão do Papa Pio XI fundamentava-se na opinião dos peritos, segundo os quais as crianças e jovens, até essa idade, não «eram capazes de praticar virtudes heróicas».

E para uma causa de beatificação ou canonização, esta declaração é essencial, como condição «sine qua non» para o processo chegar ao fim.

Segundo o padre Kondor, até 1979, data em que foi derogada esta disposição do Papa Pio XI, juntamente com os processos dos videntes de Fátima, encontravam-se nos arquivos da Congregação, em Roma, mais outros 200 de crianças não mártires.

Estavam nos arquivos da Congregação, embora não mencionados oficialmente, porque, como refere o padre Kondor, «para que esta presença se tornasse oficial era indispensável alterar a decisão pontifícia de Pio XI».

Esta foi a única certeza que, em 1961, o falecido bispo de Leiria, D. João Pereira Venâncio, e o próprio padre Kondor trouxeram de Roma após uma viagem pela Europa que, naturalmente, incluiu um contacto com a Congregação Romana para a causa dos Santos, no Vaticano.

Em Roma, o então postulador-geral, um ancião jesuíta, na casa dos 90 anos, não deixou dúvidas que os processos para a beatificação dos videntes Jacinta e Francisco iriam esbarrar nessa disposição de Pio XI, mas que lhe deixara em aberto a possibilidade de «um dia as coisas poderiam ser alteradas». Como, realmente, veio a acontecer em 1979...

Em Fevereiro do ano passado, o padre Kondor estava a ultimar os volumes dos processos para os enviar, por um portador particular, para Roma, onde, curiosamente, e pela primeira vez, foram examinados em língua portuguesa, dispensando, por isso, a obrigatoriedade de tradução como era habitual.

A esta celeridade processual juntou-se ainda um dado novo, que reflectia o senso comum da Igreja.

Há anos, o bispo de Leiria enviou uma carta aos bispos de toda a Igreja Católica para os sondar sobre o que pensavam da beatificação dos pastorinhos de Fátima. Poucos meses eram passados e já haviam chegado cerca de 300 cartas onde era pedido expressamente ao Papa João Paulo II para que beatificasse os videntes da Cova da Iria. Na opinião do padre Kondor, o resultado desta sondagem teve «o efeito de uma bomba», porque na história da Igreja nenhum servo de Deus chegou a ter, antes da beatificação, a projecção universal que hoje possuem Jacinta e Francisco.

O acto solene é público da beatificação dos videntes depende, agora, de um calendário e da oportunidade onde a última palavra será a do Papa. Porque, para a beatificação, não é indispensável a prova do milagre canónico, isto é, reconhecido pela Igreja. Até na canonização, o Povo pode dispensar desta prova como, aliás, já o fez como o padre franciscano Maximiliano Kolbe, morto nos campos de concentração nazis da Polónia.

A. C.

Os Austríacos rezam pela Beatificação dos Pastorinhos

Nos dias 20 de Fevereiro e 4 de Março, na igreja de Fátima na cidade de Dross na Áustria, comemoraram-se os aniversários da morte dos videntes, Jacinta e Francisco. Os peregrinos pediram, em especial, pela beatificação dos pastorinhos, cujos quadros se encontram desde há muitos anos numa das igrejas desta cidade da Áustria.

'Bote von Fátima' n.º 4, 1989

CALENDÁRIO PARA 1989 DOS RETIROS NO SANTUÁRIO DE FÁTIMA PARA DOENTES E DEFICIENTES FÍSICOS

JUNHO	5—8	— Leiria.
	10—13	— Vila Real.
JULHO	3—6	— Braga e Viana do Castelo.
	10—13	— Interdiocesano.
	31—3/8	— Coimbra.
AGOSTO	10—13	— Interdiocesano.
	17—20	— Lamego.
	24—27	— Interdiocesano de Raparigas.
	29—1/9	— Interdiocesano de Rapazes.
SETEMBRO	4—7	— Algarve, Portalegre e Castelo Branco.
	10—13	— Setúbal.
	18—21	— Aveiro.
	28—1/10	— Lisboa.
OUTUBRO	3—6	— Bragança.
	10—13	— Angra.

Com o calendário de retiros/89 lembramos:

- Todos os pedidos de participação e aquisição de fichas devem ser dirigidos para o respectivo secretariado diocesano do Movimento dos Cruzados de Fátima.
- Apenas se devem dirigir ao Secretariado Nacional do Mov. dos Cruzados de Fátima — Pastoral de Doentes — 2496 FÁTIMA CODEX os pedidos relativos a Portalegre e Castelo Branco e Santarém, por não haver secretariado diocesano nestas dioceses.

AVISO

As fichas médicas têm novo modelo. O modelo antigo deixa portanto de ter validade.

Demos a nossa merenda aos pobrezinhos

OFERTAS:

Transporte, 1.205.891\$00.

M.ª Adelaide, Santiago de Bougado, 480\$00; Alda Martins, Bordinhos, 500\$00; Olinda Jacinta Garcia e Maria Jacinta Garcia, Vale da Lage, 5.000\$00; Maria Joaquina, Vale da Lage, 1.000\$00; M.ª da Conceição, Vale da Lage, 1.000\$00; Anónimo de Terroso, 500\$00; Anónimo, 500\$00; M.ª dos Prazeres Rodrigues, Vale Abrigoso, 500\$00; Óscar de Jesus Ferreira, Castro Daire, 1.000\$00; Paróquia da Barrosa, 6.000\$00; Casal Santos Silva, Costa da Caparica, 500\$00; M.ª Rosa Gonçalves Corujo, Ílhavo, 3.000\$00; Cruzados de Fátima de S. Sebastião da Pedreira — Lisboa (renúncia da Quaresma), 20.000\$00; M.ª José Tanganho, Algueirão, 1.000\$00; M.ª da Conceição Pereira, Matos da Vestiaria — Alcobaça, 1.000\$00; Virginia Martins Neves, Casa do Gaiato — Penafiel, 100\$00; Doentes do Loureiro, 10.000\$00; José Carlos Dantas Esteves, Trofa, 5.000\$00; M.ª da Conceição Pinto Sousa, Braga, 1.000\$00; Anónimo de Abiul, 5.000\$00; Joana Peirano, Espanha, 5.000\$00; António Paiva, 1.000\$00; Hermengarda Lopes Gago, Loulé, 1.000\$00; Anónimo de Setúbal, 500\$00; Patrícia Vicente, Évora, 100\$00; Luzia Esperança de Jesus, Ald. Nova S. Bento, 1.000\$00; Anónimo, 2.000\$00; Doentes de Alcanena, 800\$00; M.ª Beatriz Antunes Viana, Torres Novas, 500\$00; José Lopes Antunes, Penalva do Castelo, 500\$00; Rosa Morgado, Viseu, 2.000\$00; Guilhermina da Conceição, Cernache do Bonjardim, 1.000\$00; Perpétua da Conceição, Cernache do Bonjardim, 2.500\$00; Anónimo do Sardoal, 1.000\$00; P. José Maria Félix, Seminário de Alcains, 7.000\$00; Anónimo, 1.000\$00; Anónimo de Torres Vedras, 5.000\$00; Armindo Tavares Silva, Cantanhede, 1.000\$00; Maria da Silva Ginja, Moita da Roda, 5.000\$00; Cruzados dos Parceiros, 1.000\$00; M.ª Antónia Mendonça, Estói, 1.000\$00; Rosa Rodrigues Pardoal, Moura, 5.000\$00; M.ª Cândida Ramalho, Moura, 500\$00; Amélia da Conceição Sousa, 1.500\$00; José Carvalho Teixeira, Sapiões — V.ª Real, 2.000\$00; Ana de Carvalho, Sapiões — V.ª Real, 500\$00; Felismina S. Montenegro, Castelo de Paiva, 500\$00; Gilda de Medeiros, S. Miguel — Açores, 1.000\$00; M.ª do Sacramento Pacheco, Siguel — Açores, 1.000\$00; M.ª do Carmo Borges Medeiros, S. Miguel — Açores, 500\$00; Trezena de Crianças da Cova da Iria, 2.470\$00; Teresa Arantes de Jesus, França, 1.438\$50; Anónimo, 500\$00; Cruzados de Fátima de Monchique, 20.500\$00; Doentes de Maxial da Ladeira, 2.350\$00; Anónimo, 5.000\$00; Anónimo, 500\$00; José Correia S. Lima, Travassô, 1.000\$00; Alice Paulo F. Oliveira, Azambuja, 420\$00; Cruzados de Fátima de HUDSON — U. S. A., 15.650\$00; Doentes do Funchal, 101.500\$00.

TOTAL, 1.464.199\$50.

Que a todos o Senhor recompense. Há outras ofertas que nos chegaram, esperamos continuar no próximo número.

JOÃO PAULO II ASSINOU DECRETO DE HEROICIDADE

O anúncio da assinatura, pelo Papa João Paulo II, dos decretos de heroicidade de virtudes, que abrem caminho à beatificação de Francisco e Jacinta Marto, foi a notícia que mais impacto teve no decorrer das celebrações da peregrinação internacional de 12 e 13 de Maio ao Santuário de Fátima.

Com o intuito de esclarecer melhor alguns temas que, frequentemente, têm vindo a ser levantados, nomeadamente acerca do significado e importância deste decreto, e dos fundamentos históricos e teológicos das beatificações e canonizações, publicamos, nesta edição da Voz da Fátima, um conjunto de artigos da autoria do P. Luís Kondor, responsável pela condução, fora de Roma, dos processos de beatificação dos dois videntes de Fátima, Francisco e Jacinta.

Contamos, numa próxima edição, publicar o texto dos dois decretos da heroicidade de virtudes de Francisco e Jacinta Marto, que, neste momento, seguem em Roma os processos habituais de tradução e edição.

BEATIFICAÇÃO E CANONIZAÇÃO: FUNDAMENTO TEOLÓGICO

O fundamento teológico das beatificações e canonizações encontra-se no chamamento ou na vocação de todos os cristãos para a santidade. O Concílio Vaticano II fala do culto dos Santos ligando a Igreja peregrina à Igreja triunfante no Céu, citando S. Paulo: «Chegamos aos fins dos tempos (1. Cor. 10, 11). A renovação do mundo está, portanto, irrevogavelmente em curso e ela é antecipada para este final dos tempos.» Isto quer dizer que Deus deu à Sua Igreja a afirmação irrevogável da salvação e santificação. Não se trata, porém, só duma simples promessa, mas duma santidade real na Igreja.

A Igreja pode, portanto, canonizar, declarar alguém santo, porque conta santos entre os seus membros, embora seja também Igreja dos pecadores.

Assim, a Igreja apresenta santos que realizaram visivelmente as exigências do Evangelho e seguiram até ao heroísmo o mandamento de Jesus.

A Igreja apresenta-se santa não só abstractamente, mas mostra a sua santidade concretamente nos seus membros, que são os santos.

João Paulo II fala, na Constituição Apostólica «Divinus Perfectionis Magister», duma «nuvem de testemunhas», pelas quais Deus está presente no meio de nós e fala para nós. Este coro das testemunhas não é um coro anónimo: nele se encontram a Santíssima Virgem, S. Francisco de Assis, Santo António de Lisboa, etc..

Isto diz-nos que a santidade da Igreja se realiza na história, de dia para dia... nos seus membros. A história da santidade na Igreja é uma história concreta da participação dos seus membros no Espírito Santo.

Eis o motivo das beatificações e canonizações. Não é um simples processo em que se provam as virtudes heróicas dum servo de Deus — pois assim teríamos milhões de processos, de inúmeras almas que seguiram o Evangelho de Jesus — mas sim a prova de uma vida santa numa época determinada, aquela em que o servo de Deus viveu, deu o seu exemplo, num tempo concreto da história, num estado pessoal de vida.

Eis os Pastorinhos de Fátima: são crianças de 10 anos, heróis no cumprimento da Mensagem da Senhora da Cova da Iria, que é idêntica à Mensagem do Evangelho.

S. Paulo fala aos Tessalonicenses da vocação cristã, dizendo: «Esta é a vontade de Deus: a vossa santificação» (1. Tes. 4, 3).

«A todos os amados de Deus que estais em Roma, chamados à santidade» dirige a sua carta (Rom. 1, 7), embora saiba que nem todos são santos no sentido de «perfeição».

A ascese cristã indica como fim, como vocação, como objectivo a santidade. O cumprimento fiel desta vocação consiste na prática das virtudes cristãs. Os santos realizam-no em grau heróico.

A resposta dum santo é uma resposta histórica, uma resposta no tempo em que vive, e assim cada santo é uma nova edição na Igreja. Por isso, a Igreja nunca terá santos suficientes, pois a vida santa é sempre nova realização concreta, nunca igual a outra vida santa.

BEATIFICAÇÃO E CANONIZAÇÃO: AS DIFERENÇAS

Durante muito tempo e até mesmo ainda nos nossos dias, os nomes «beato» e «santo» têm sido e são sinónimos. Invocamos a Mãe de Deus como a beatíssima Virgem Maria e Santíssima Virgem Maria. Os próprios Apóstolos são chamados no Cãnon «beatos Apóstolos e Mártires» e depois da consagração como «santos Apóstolos e Mártires».

No entanto, nos processos da Congregação dos Santos existe uma clara distinção entre os dois nomes. E esta distinção refere-se ao culto que lhes compete.

Ao ser adquirido o culto aprovado pela Igreja para uma região (diocese, ordem, país), falamos de beatificação; quando o culto se estende e é permitido para toda a Igreja, então falamos de canonização.

Por isso, Santos são aqueles servos de Deus que, depois da canonização, se veneram em toda a Igreja, com missa própria e ofício, enquanto Beatos são aqueles que se podem venerar só numa certa região, e com uma forma de culto que a suprema autoridade da Igreja permite.

Assim o povo de Deus presta culto aos Beatos, segundo um rito aprovado chamado «Proprium», tanto na Eucaristia como também no Ofício e pode dedicar-lhes Igrejas e Capelas, venerar as suas relíquias, segundo a forma permitida pela Igreja.

A condição para a beatificação é o reconhecimento da heroicidade das suas virtudes e da fama de santidade por um milagre provado por intercessão do

referido servo de Deus.

Tudo isto é examinado num inquérito minucioso que é, segundo os canonistas, o mais rigoroso exame que a Igreja conhece.

Este é o actual caminho das beatificações, — no entanto nem sempre foi assim.

NOVOS MODELOS DE SANTIDADE

No tempo dos mártires, era a voz do povo que elevava estes seus grandes heróis à honra dos altares na Igreja. Mais tarde, como era de esperar, os fiéis quiseram passar também a venerar como santos outras grandes figuras não mártires. Basta pensarmos em Santo Ambrósio, S. Martinho de Tours ou S. João Crisóstomo.

Nos princípios da Idade Média, os próprios bispos, reunidos em sínodo, examinavam a fama de santidade e a veneração a Servos de Deus, para, em seguida, os declararem santos.

Foi durante o Sínodo de La-trão (993) que, pela primeira vez, o próprio Papa declara a santidade de um grande homem de Deus — Sarto Ulrico de Augsburg.

Mais tarde, o Papa Alexandre III (1159-1181) reserva só para a Santa Sé o direito de canonizar.

Antigamente as canonizações podiam realizar-se em diferentes locais, tais como Bolonha e Perugia (S. Francisco de Assis, Santa Isabel da Hungria, S. Domingos de Gusmão). No entanto, após o papado de Avinhão, (1309-1377) Roma tornou-se o único lugar próprio para estes actos. Os papas nomeavam três bispos para fazerem inquéritos sobre os milagres e sobre a heroicidade de virtudes. Mais tarde juntaram-se-lhes outros três colaboradores — os auditores de Rota.

O verdadeiro legislador dos Processos de Canonização foi o Papa Urbano VIII (1623-1644). Desde a morte de um servo de Deus até à sua canonização tinham de passar largas dezenas de anos, mas durante todo esse tempo era já praticamente impossível travar a sua veneração por parte do povo.

A mais grandiosa canonização de todos os tempos fez-se a 12 de Março de 1622, quando o Papa Gregório XV elevou à honra dos altares Francisco Xavier (+ 1552), Inácio de Loiola (+ 1556), o agricultor Isidoro (+ 1130), Filipe de Neri (+ 1595) e Teresa de Jesus (1582). Nessa altura, começou também a ser dada licença a certas regiões eclesiais, como por exemplo, dioceses ou ordens religiosas, para honrar os Servos de Deus como beatos e os venerar também liturgicamente ainda antes de serem canonizados. Aqui se encontra a raiz da distinção entre 'beato' e 'santo'. Urbano VIII introduziu na sua Bula «Celestis urbs Jerusalem» uma autêntica beatificação como primeiro passo para a canonização.

A Sagrada Congregação dos Ritos, que tem hoje na Sagrada Congregação para os Santos a sua sucessora, começou a publicar, em 1931, o 'Index ac Status Causarum', uma relação so-

bre os processos em curso e sobre o seu estado de desenvolvimento.

Este índice apresenta, na última edição (1988), o 'Apêndice III — Os Santos' com um catálogo dos santos canonizados desde Clemente VIII (1592-1605) até aos nossos dias. Este apêndice revela-se muito interessante para os amantes da História Eclesiástica. Nele se salienta o grande número de mártires missionários canonizados e o acentuado número de fundadores de ordens, personificando o amor de Cristo a seguir a «tempos tristes e miseráveis», como o Século das Luzes, as grandes Revoluções, as guerras e as épocas de fome. É impressionante notar que desde o pontificado de Pio XI, ou seja, a partir da segunda guerra mundial, a Igreja já não apresenta só europeus ocidentais como novas figuras de santos, mas também muitos nomes exóticos de uma Igreja Universal. Como no Céu não existe 'apartheid' entre os santos, assim também não pode existir nos processos de beatificação e de canonização.

A memória do povo de Deus é incapaz de fixar todos os nomes dos santos da Igreja Universal, e o Papa, com a sua suprema autoridade, não pode também recomendar como modelos e intercessores, inúmeros homens e mulheres. Por isso, só relativamente poucas vezes se chega a uma solene canonização. Ficam beatos, o que não exige a infalibilidade papal. E assim, cada país, diocese, ou ordem, pode venerar estes amigos de Deus, não só em particular, mas também oficialmente na liturgia.

Por isso, em tempos mais recentes, o número de beatificações tem ultrapassado largamente o número das canonizações.

Tanto as canonizações como as beatificações são solenes louvores e acções de graças a Deus que «é maravilhoso nos seus santos». São também preciosas ofertas de graças à Igreja. Os beatificados e os canonizados, pelos seus exemplos de fidelidade e prontidão, chamam os fiéis a seguirem a Jesus, a darem testemunho na vida pelo Evangelho e a conquistarem homens para Cristo e para o Seu Reino.

Seria irresponsável da parte da Igreja 'estrangular' a veneração aos santos que, nas múltiplas graças alcançadas por sua intercessão, são apoiados pelo próprio Deus, última causa destes milagres.

É fervoroso desejo da Igreja que os milhões de fiéis, no seu peregrinar rumo à Pátria celeste, encontrem modelos oportunos e intercessores junto de Deus para os ajudarem nas suas múltiplas necessidades.

Os Servos de Deus Francisco e Jacinta Marto, já tão conhecidos em todo o mundo, na sua espiritualidade, aprendida na escola de Maria em Fátima, poderão abrir novos horizontes à nossa era que por vezes parece desconhecer o seu eterno destino.

DECRETOS DE HEROICIDADE

No passado dia 13 de Maio, o Santo Padre João Paulo II assinou os dois decretos (um pa-

ra o Francisco e um para a Jacinta) que constituem, em nome da Igreja, a palavra decisiva do Sumo Pontífice, de reconhecimento da prática das virtudes dos dois Servos de Deus — condição indispensável para a sua futura beatificação e canonização.

Não pode haver canonização sem beatificação, nem beatificação sem este prévio reconhecimento das virtudes heróicas.

O lento processo sobre as virtudes e fama de santidade dos Pastorinhos (desenvolvido ao longo de quase 40 anos) explica-se por um lado pelo elevado número de sessões no tribunal (98 para a Jacinta e 79 para o Francisco); pelo falecimento de vários membros deste tribunal, ao longo dos 40 anos, e por mudanças na legislação que rege o andamento dos processos. Explica-se por outro lado pela existência duma proibição papal de serem tratados processos de crianças e jovens não-mártires — a conselho das comissões da Congregação que afirmavam a incapacidade da prática das virtudes em grau heróico para estes casos.

Deve, contudo, fazer-se notar que os trabalhos da Congregação não finalizam um julgamento processual da causa mas são somente uma informação dada ao Santo Padre que tem toda a liberdade de aprovar ou reprovar o resultado que lhe é apresentado.

A decisão sobre uma beatificação ou canonização cabe ao Papa e daí que os grandes esforços de apoio a estas duas Causas tão difíceis, que têm sido feitos junto do Santo Padre, se não deram ainda o resultado tão ansiosamente aguardado para os dois pequenos videntes, abriram, pelo menos, o caminho a futuros processos de crianças não-mártires, para atingirem a beatificação e canonização.

As muitas diligências feitas, tanto aqui, no plano diocesano, como em Roma, junto das autoridades competentes, terão a sua merecida recompensa quando os pastorinhos de Fátima forem elevados às honras dos altares e muitas outras crianças se lhes seguirem.

É certo que tanto para a beatificação como depois para a canonização, se exige um milagre provado, mas pode haver dispensa, por parte do Papa. Fazem-se neste momento os trabalhos necessários para ser aprovado um milagre atribuído à intercessão de cada um dos pastorinhos ou aos dois em conjunto e, por isso, é necessária a oração de todos os amigos dos veneráveis Servos de Deus, Francisco e Jacinta Marto, para que o Santo Padre proceda, quanto antes, à sua beatificação.

Os pastorinhos apresentaram-se a prestar provas perante o mais rigoroso exame da Igreja. Ao assinar o decreto da heroicidade das suas virtudes, o Santo Padre declara, perante a Igreja, que os dois Videntes passaram a prova com toda a distinção.

O decreto é o diploma das suas virtudes e concede-lhes o título de «veneráveis» diante da Igreja e abre-lhes o caminho para a tão esperada beatificação.